

TRÊS NOVOS CURSOS ABERTOS NA UNIVERSIDADE

19
10
82

por Ernesto Zucule

A Universidade Eduardo Mondlane vai abrir no próximo ano lectivo mais três cursos de formação acelerada de trabalhadores com escolaridade mínima de sexta classe. Os cursos estão ligados às ciências sociais, técnicas e naturais e agropecuárias e destinam-se no dizer do Director Académico da UEM a contribuir para «a consolidação da direcção da classe operária sobre a economia e a sociedade».

A decorrer em três anos, os cursos vão graduar (findo esse período) com o nível pré-universitário dando acesso aos seus participantes à frequência de qualquer dos cursos superiores ligados àquelas áreas.

Com a realização destes cursos, que serão frequentados por combatentes camponeses e trabalhadores de vanguarda, pretende-se munir à classe trabalhadora com conhecimentos científicos e técnicos que lhe permitam tomar a direcção da economia e da sociedade, de acordo com afirmações do Director Académico daquela Instituição superior de Ensino em Moçambique.

FUNDAMENTOS DOS CURSOS

Criados na sequência lógica dos resultados daquilo que constituirá experiência-pilão da Universidade na formação acelerada de trabalhadores — os cursos de gestão —, os três novos cursos serão orientados à partida, segundo as especificidades de cada área, embora os seus programas sejam comuns nos três primeiros semestres e venham a sê-lo nos restantes semestres nas aulas de uma mesma área.

Explicando as razões de fundo que levaram à criação dos cursos começando pelo primeiro (o da gestão), João Beirão disse ser objectivos eminentemente políticos que nos levaram

a adoptar esta via que é a que pareceu mais prática para fazer com que os trabalhadores tenham acesso à frequência de cursos superiores na Universidade Eduardo Mondlane.

Depois de anotar que pelas vias normais de Ensino seria muito distante o caminho a percorrer para levar os trabalhadores de vanguarda aqueles que sem formação assumem hoje o papel dirigente da sociedade, a frequentar a Universidade, o Director Académico da UEM afirma:

— Eu queria dizer que há fundamentalmente duas razões que nos levaram a criar e considerar que devem continuar a funcionar os cursos de formação acelerada de trabalhadores: A primeira é que sentimos que há necessidade de alterar radicalmente, repito, radicalmente a composição social dos estudantes da Universidade. A segunda é que é indispensável que os operários, camponeses e combatentes de vanguarda efectivamente frequentem a sua Universidade porque são eles que podem garantir a gestão da economia e dirigir a sociedade.

Paralelamente a estes objectivos, João Beirão disse haver outras razões, apontando contudo, que a maior vantagem da criação destes cursos é que por esta via nós (Universidade) conseguiremos também aumentar os contingentes de novos ingressos no Ensino Superior.

Analisando alguns dos problemas

actuais do País particularmente os de falta de pessoal preparado para fazer frente às exigências do crescimento da agricultura e indústria, o Director Académico apontou que o aumento dos contingentes de alunos nos cursos superiores fará funcionar os cursos encerrados na Universidade Eduardo Mondlane por falta de alunos abrindo, consequentemente, a possibilidade da diversificação da formação superior de quadros para os mais variados sectores de actividade.

Colocando um parêntesis, o Director Académico recordou que devido a exigências de formação de quadros para sectores prioritários o «grosso» dos poucos alunos que entram na Universidade são encaminhados para a economia, agronomia, veterinária, medicina e alguns da engenharia, o que significa que os demais cursos não têm estado a funcionar como o caso da física, história, geografia e outros.

COMO VÃO FUNCIONAR OS CURSOS NOVOS

Os três novos cursos vão funcionar orientados para que no fim os alunos possam ter acesso a frequência de qualquer dos cursos das ciências sociais, técnicas e naturais e agro-pecuárias, embora em estágios práticos não venham desenvolver trabalhos ligados a todos os cursos da mesma área.

As aulas serão a tempo inteiro, o que significa que todos os trabalhadores propostos serão desligados do sector de trabalho durante os três anos de duração dos cursos.

No fim de cada semestre os alunos terão avaliações que, no dizer de João Beirão, são decisivas quanto ao prosseguimento de cada estudante na fase seguinte da formação. Isto quer dizer que ao fim do primeiro semestre se o aluno não tiver tido bom aproveitamento, por exemplo, ele regressará ao local de trabalho, podendo prosseguir noutra fase as restantes etapas, se for possível.

Finda a formação pré-universitária (concluído com aproveitamento o sexto semestre), os alunos poderão ingressar em qualquer dos cursos superiores do ramo a que estavam ligados ou regressarão ao local de trabalho consoante as necessidades deste. No caso de voltar ao trabalho não perderão, por isso, o direito de prosseguir os estudos sempre que possível.

Durante o período em que os alunos estiverem em aulas a Universidade encarregar-se-á de garantir almoços e lanches de modo a assegurar que eles se preocupem e se ocupem numa única tarefa: estudar.

Contudo, para a custear as despesas de formação, dos seus trabalhadores, os organismos estatais e empresas ou outros sectores irão contribuir com alguma importância em dinheiro. Relativamente ao alojamento dos que venham de outras províncias, os respectivos sectores criarão condições para o efeito.